

## 20 anos com alfabetização

*Luiz Carlos Cagliari*

UNICAMP - CNPq - 2000

### **20 Anos**

Meu envolvimento como a alfabetização começou, de certo modo, por acaso, porque eu era um foneticista. A CENP me procurou para ajudar os professores a resolverem o caso dos alunos que confundiam sons surdos com sonoros na escrita e na leitura. Do contato com professores, com alfabetizandos, com escolas, com teorias, com o envolvimento de colegas, de Secretarias de Educação, de faculdades e de editoras, fui conhecendo cada vez mais o processo de alfabetização e me pronunciando a respeito de muitos aspectos dessa questão.<sup>1</sup> Fui compreendido por muitos, mal interpretado por alguns, concordei com muita coisa que vi e aprendi - e discordei de algumas outras.<sup>2</sup> Vinte anos nessa luta, formei uma visão geral do processo de alfabetização com algumas convicções que gostaria de explicitar agora neste trabalho.

### **História da alfabetização**

---

<sup>1</sup> É óbvio que, como lingüista, tenho voltado minha atenção para aspectos lingüísticos do processo de alfabetização. Como atividade escolar, a alfabetização é muito mais abrangente e tem muitos aspectos com relação aos quais eu não pude sequer fazer comentários. Isso não significa que eles sejam irrelevantes. Foi somente uma questão de estratégia, de ponto de vista, de escolha. Como lingüista, minha contribuição melhor devia estar voltada apenas para questões lingüísticas. Algumas questões metodológicas e educacionais, como a promoção, foram objeto de minhas preocupações, mais por razões do envolvimento da linguagem com essas questões do que do ponto de vista organizacional da escola.

<sup>2</sup> Desse trabalho resultaram dois livros que têm sido bem aceitos: *Alfabetização e Lingüística e Alfabetizando sem o BA BE BI BO BU*, ambos da Editora Scipione. O primeiro está mais voltado para aspectos teóricos e o segundo, para aspectos metodológicos. Escrevi dezenas de artigos, muitos deles publicados em vários tipos de periódicos, como no *Jornal do Alfabetizador*, da Editora Kuarup. Alguns deles foram reunidos com trabalhos de minha mulher e publicados pela Editora Mercado de Letras, com o título de *Diante das Letras: a escrita na alfabetização*. Muitas de minhas palestras foram gravadas em vídeo, cujo destino eu desconheço.

Conhecer a história da alfabetização é uma exigência imprescindível.<sup>3</sup> O processo de alfabetização está muito ligado à natureza dos sistemas de escrita.<sup>4</sup> Quem inventou ou inventa um sistema de escrita de uso social tem que dar a chave da decifração do mesmo, caso contrário será inútil (Cagliari, 1992b). Nem sempre é fácil achar essa chave, depois de perdida, como aconteceu com a escrita maia.<sup>5</sup> Todos os sistemas de escrita são tão complexos e simples como os sistemas das línguas que representam, pelo fato de representarem a linguagem oral (Cagliari, 1995). Por outro lado, como representação da linguagem oral, a escrita se deixa revelar aos falantes nativos com a mesma facilidade com que eles lidam com a linguagem oral. Por razões como essa, quem trabalha com alfabetização tem que conhecer muito bem como funciona a linguagem oral e os sistemas de escrita. O fato de a criança ser um falante nativo é uma grande vantagem aqui, uma vez que sua intuição a respeito da linguagem é de grande ajuda (Cagliari, 1999).<sup>6</sup> Por outro lado, o conhecimento dos sistemas de escrita é algo delicado, sutil e, em geral, envolto em muitos equívocos e aberrações, trazidos de estudos mal feitos. O desconhecimento técnico nesta área gera muitas idéias pré-concebidas na educação. Por exemplo, as pessoas incorporam o G como letra do alfabeto, mas deixam de lado o Ç,

---

<sup>3</sup> Infelizmente, conheço apenas trabalhos parciais sobre a história da alfabetização, em geral, e alguns sobre a história da alfabetização no Brasil (há algumas teses com estudos sobre temas específicos). Estou, há anos, tentando fazer uma obra mais detalhada e abrangente. Entretanto, como as cartilhas, os livros didáticos não foram guardados: eram usados e jogados fora; tem sido uma tarefa árdua juntar alguma coisa nesse sentido. Por outro lado, as faculdades de educação, muito infelizmente, não dispõem de um acervo de material produzido pelos alunos e pelos professores. Tentei fazer alguma coisa nesse sentido na Unicamp, mas, depois que me aposentei, as coisas velhas acabaram indo para o lixo, por falta de continuidade e de visão dos administradores de nossas universidades. Alguns poucos projetos, ainda em andamento, têm rico material dessa natureza. Quando estiverem concluídos, provavelmente, ninguém mais querará guardar essa 'tranqueira'. Desse modo, fazemos muita especulação e pouca história.

<sup>4</sup> Nesse sentido, tenho pesquisado e publicado vários trabalhos sobre sistemas de escrita. Tenho um livro ainda não publicado por falta de suporte das editoras. No livro *Diante das Letras: a escrita na alfabetização*, há também alguns artigos de Gladis Massini-Cagliari, mostrando como é importante conhecer os sistemas de escrita para entender algumas das questões fundamentais da alfabetização, como a categorização gráfica e funcional das letras, o princípio acrofônico, o que são letras, ortografia, etc.

<sup>5</sup> Há mais de 500 anos, tem havido tentativas de decifrar a escrita maia. Muitas coisas foram reveladas ou, melhor, intuídas e 'adivinhadas'. O sistema, porém, ainda não está claro e as hipóteses feitas nos últimos anos, não são melhores do que as antigas.

<sup>6</sup> Uma das questões cruciais do processo de alfabetização é a variação lingüística, ou seja, o fato de uma língua, como o Português, ser falada de maneiras diferentes, em lugares diferentes, por pessoas de nível socioeconômico diferente (Veja meus textos *Variação e Preconceito* e *O Príncipe que virou sapo*). A escola precisa levar em conta sempre o dialeto do aluno, e ir, aos poucos, treinando no dialeto padrão quem não é falante dessa variedade. A escola lida mal com essa questão, indo de um extremo a outro.

mesmo depois de um milênio de uso, tendo uma origem semelhante ao do G: uma letra C modificada para representar um som diferente.<sup>7</sup>

Não basta fazer uma leitura escolar da história da alfabetização: é preciso fazer uma leitura crítica, baseada em conhecimentos técnicos a respeito do assunto. Como os conhecimentos técnicos vêm vinculados a teorias, então, é preciso discutir as teorias também. A concepção de linguagem oral e escrita cria essas teorias e pode produzir bons frutos ou desastres, uma metodologia saudável ou cheia de preconceitos. Não vou discutir a história da alfabetização, nem as teorias relacionadas com o processo de alfabetização.<sup>8</sup> Mas, estou muito convencido de que é necessário ter isso bem claro e compreendido para se arriscar a criar uma metodologia, um programa de trabalho ou simplesmente entrar em uma sala de aula.

Pelo que pude investigar, noto que o processo de alfabetização tem apresentado historicamente resultados semelhantes, problemas semelhantes, exemplos e dados muito semelhantes, em diferentes partes do mundo e em diferentes tempos. Isso se deve à natureza do sistema de escrita, a maneira como é aprendido e usado. Trabalhar com dados é sempre imprescindível. Todavia, os mesmos dados podem gerar interpretações diferentes que, raramente, são compatíveis entre si, sendo, mais comumente, contraditórias. Apesar dessa dificuldade, é sempre necessário buscar a melhor teoria, evidenciar a verdade e denunciar os erros. Porém, não basta declarar as conclusões, é preciso convencer com argumentos irrefutáveis. A alfabetização, como as ciências humanas, em geral, se preta a muito discurso vazio, a opiniões equivocadas revestidas de belas fantasias, a extrapolações no vazio, que impressionam pelas palavras, mas não resistem a uma abordagem técnica mais profunda.<sup>9</sup> Atrás do processo de alfabetização, ou

---

<sup>7</sup> Na verdade, conhece-se muito pouco e mal, por exemplo, o que é o alfabeto, sua natureza, usos e funções. Nenhuma outra letra, no alfabeto que usamos, tem cedilha: então, não se trata de um simples diacrítico.

<sup>8</sup> Na obra *Alfabetizando sem o BA BE BI BO BU*, há um esboço bem sucinto da história da alfabetização - quase um roteiro para o desenvolvimento de um trabalho posterior.

<sup>9</sup> Nos últimos 10 anos, de maneira especial, os cursos de pós-graduação foram inundados de pessoas alumbradas pelas teorias da Análise do Discurso. Algumas idéias novas dessa área vieram enriquecer os estudos lingüísticos e outras, infelizmente, contribuíram negativamente, produzindo trabalhos em que não há nada além de um discurso metafórico. No campo escolar, o desastre tem sido maior: alguns programas fazem só leitura de material do tipo jornalístico e interpretação de estudo, como se isso fosse ensinar Português. Nesses exemplos, substituíram o ensino da gramática (que deveria ser do tipo descritivo, lingüístico e não normativo, como, infelizmente o é na maioria dos casos) por discussões ideológicas ou mesmo desprovidas de valor, a que chamam de abordagem textual do ensino de Português. Curiosamente, a estrutura de um texto - que também é objeto de estudo sério pela lingüística - que exige pesquisa, análise e

dentro dele, como seu objeto principal, está a linguagem. E a linguagem tem sido estudada de maneira científica, sobretudo nos últimos cem anos, dispondo, hoje, de um conjunto sólido de conhecimentos.<sup>10</sup> Embora a escrita não tenha tido o mesmo tratamento, há estudos muito sérios e consistentes com as conclusões da lingüística moderna, deixando de lado uma visão ingênua, popular, em geral, cheia de preconceitos e de erros que, infelizmente, passa de geração para geração, de livro para livro, de professor para professor e cria raízes na cultura e na sociedade.

Infelizmente, não posso deixar aqui a minha visão histórica da alfabetização, mas apenas dizer que ela está mais cheia de erros do que de acertos. A prova disso é histórica e eloqüente, vendo como a humanidade agrega cada vez mais um número maior de analfabetos, vendo como os países subdesenvolvidos, como o nosso, têm metade dos alunos alfabetizando em sérios apuros ou simplesmente reprovados e excluídos da escola com esse ‘grau’ de instrução ou ‘deseducação’, melhor dizendo. Mesmo nos países ditos desenvolvidos, onde a Educação e a Cultura têm um lugar privilegiado na sociedade, constata-se que há cerca de 20% de alfabetizando que passam por um inferno para aprender a ler e a escrever e o analfabetismo de pessoas adultas não é uma coisa totalmente extinta nessas sociedades.<sup>11</sup>

### **Teorias são teorias**

Toda ação humana baseia-se em idéias e o conjunto de idéias forma uma cosmovisão pessoal, ou seja, uma teoria de como as coisas são ou devam ser. As teorias são sempre uma visão interpretativa dos dados (reais ou hipotéticos). Como já se disse anteriormente, os dados a respeito do processo de alfabetização em todos os tempos, como não podia deixar de ser - e como acontece com outros processos e fenômenos - têm uma constante que é fruto da própria natureza do fenômeno que se estuda: metal é metal

---

mecanismos formais de descrição, não é nem sequer mencionado nesse tipo de abordagem do ensino da língua.

<sup>10</sup> Infelizmente, há poucas publicações em língua portuguesa, mesmo traduções, que levem até os leitores as conquistas científicas dos estudos lingüísticos modernos. As universidades e os programas governamentais de educação são os grandes responsáveis por essa situação. No entanto, há obras, trabalhos publicados em anais de congressos, em revistas especializadas, algumas mais acessíveis a quem não tem um preparo específico, outras de fácil compreensão. A grande questão aqui é que aprender ciência dá trabalho, exige dedicação, anos de pesquisa e de reflexão.

<sup>11</sup> Através da Internet, é possível obter esses dados dos *sites* dos governos de muitos países do mundo.

em qualquer teoria física ou química, assim como letra é letra em qualquer teoria lingüística, psicológica ou educacional.<sup>12</sup> Portanto, não vou discutir os dados e admito, como admitiria qualquer cientista honesto em sua especialidade, que todo dado é válido e merece atenção.<sup>13</sup> A questão que me interessa, neste momento, é a interpretação, o que significam os dados no processo de alfabetização. Em primeiro lugar, como se disse logo acima, é preciso levar em conta todos os dados, não apenas os que interessam a determinada teoria. A história mostra que a omissão, em alguns casos, é revoltante. Por exemplo, nas duas últimas décadas, todas as evidências do processo de decifração encontradas nas atividades espontâneas feitas pelas crianças ao se alfabetizar foram deixadas de lado, ignoradas ou até negadas em função de uma teoria que não suportava que tais fatos pudessem acontecer.

Dentro desse quadro, há uma quantidade de idéias a respeito do fenômeno, geradas a partir de pressuposições teóricas equivocadas, desde a clássica concepção absurda de que a escrita ortográfica é uma transcrição fonética do dialeto padrão, até as caricaturas educacionais que ensinam uma pronúncia artificial para que a criança não erre no ditado. A falta de ensino sistemático, contestado pelas crianças que dizem que querem que o professor ensine e não leve a aula no espontaneísmo, é um exemplo bastante difundido de uns dez anos para cá, baseado em uma noção equivocada de aprendizagem, segundo a qual o professor não pode ensinar, mas deve ser apenas um ‘mediador’ que não pode interferir. A ação de ensinar ou a atitude de apenas mediar a aprendizagem são decisões pedagógicas com conseqüências bem determinadas. Infelizmente, na educação, não é raro encontrar teorias estranhas e idéias preconceituosas, baseadas em convicções pessoais duvidosas ou mesmo em um falso cientificismo.

---

<sup>12</sup> Considero também uma visão ingênua e simplista achar que métodos não induzem os aprendizes a fazerem determinadas coisas e a não fazerem outras, resultando, daí, um conjunto específico de dados provocados pelos métodos. Quanto a mim, colocando os dados nos seus devidos contextos, qualquer um deles e todos sem exceção merecem a devida atenção, análise e interpretação. Como diz famosa passagem bíblica, pelos frutos se conhece a árvore.

<sup>13</sup> Não se pretende fazer aqui um levantamento de dados, nem sequer apontar apenas os mais importantes, mas, a título de ilustração, nota-se que alfabetizando escrevem omitindo, fazendo acréscimos ou mudando a ordem das letras; escrevem apenas o que identificam e sabem, antes de chegarem a uma escrita mais completa da palavra e mais próxima da ortografia; segmentam errado; produzem hipercorreções; têm na fala um ponto de partida para suas hipóteses de escrita e, depois, sofrem com a analogia que os leva a interpretar como iguais coisas diferentes, etc. Por outro lado, há os acertos, as estratégias de acerto, os limites admissíveis de erros que os ajudam a manter o processo sob controle e em bom andamento. Na

No campo da alfabetização, as muitas e contraditórias teorias do século XX, vindas das Universidades, trouxeram boas e más contribuições para as atividades dos professores alfabetizadores. Talvez, o melhor comportamento, em meio a tantas propostas diferentes, tenha sido o bom-senso. Com ele, os professores puderam alfabetizar, quando as teorias não os ajudavam. De um modo geral, essas falhas vieram da falta de conhecimentos específicos sobre o sistema e funcionamento da linguagem oral, trazidos pela Lingüística moderna e pelo desconhecimento da natureza, função e usos dos sistemas de escrita.<sup>14</sup> Por outro lado, órgãos oficiais do governo, de tempos em tempos, repassam aos professores da Rede essas idéias, oriundas das Universidades, às vezes, com vieses idiossincráticos de alguns burocratas, criando ‘pacotes educacionais’ ou simples exigências burocráticas e pedagógicas, cuja prática nem sempre foi uma boa estratégia para o processo educacional como um todo.<sup>15</sup>

### **Um ideário**

Gostaria de apresentar, sem discussão ou comentários detalhados, uma lista de conclusões a que cheguei, depois desses 20 anos de reflexão sobre o processo de alfabetização.

1. Eu acho que a escola é um lugar adequado para alfabetizar.<sup>16</sup> É um lugar necessário para uma população socioeconomicamente menos favorecida. Toda a

---

verdade, como já demonstrei em várias ocasiões (Cagliari, 1998, p. 238-240), as crianças erram menos do que acertam, no todo.

<sup>14</sup> Como estudo do comportamento humano, a Psicologia tem trazido contribuições importantes para as ciências humanas. Entretanto, com relação à educação, sobretudo com relação ao processo de alfabetização, principalmente entre nós, tem trazido alguns problemas sérios, desde a Escola Nova e seus programas (cf. a obra de Lourenço Filho), passando pelas teorias behavioristas e piagetianas e até interacionistas. Os psicólogos têm influenciado a educação de uma maneira exagerada, como se pode ver nos currículos das escolas de formação que privilegiam demais a psicologia, em detrimento de um estudo mais desenvolvido de aspectos técnicos relacionados com as atividades específicas dos professores. Por exemplo, os professores alfabetizadores estudam muita psicologia e pouca matemática, lingüística, ciência, etc.

<sup>15</sup> Alguém devia escrever uma história desses ‘pacotes educacionais’ e uma história da ação direta do governo nos currículos e na ação dos professores, num claro desrespeito à tradicional idéia da humanidade a respeito da ‘liberdade de cátedra’. Nos últimos anos, uma visão fortemente centrada em valores estatísticos, típica de economistas de banco, tem assolado o país com provas e provões, cuja aberração educacional tem levado muita gente a achar que o que é bom é a nota, o que se aprende é irrelevante, desde que satisfaça às exigências dos testes e colabore para melhorar a estatística.

<sup>16</sup> Há alguns anos, propus a criação de ‘casas de alfabetização’. Seriam casas alugadas pela prefeitura, onde moraria uma professora com sua família, dispondo de uma ou duas dependências para aulas de alfabetização. A professora ganharia o aluguel, um salário e uma ajuda de material didático e se responsabilizaria por duas turmas de 20 anos, uma de manhã e uma de tarde. Isso permitiria acelerar o

atividade deve ser desenvolvida dentro da escola, sendo absolutamente secundária qualquer atividade feita em casa com ou sem a ajuda dos pais.<sup>17</sup>

2. Quanto mais se retarda o início da alfabetização, mais dificuldades as crianças vão ter para se alfabetizar. Quanto mais cedo forem instruídas, mais facilmente aprenderão e o aprendizado será mais rápido e melhor. O processo de instrução pode perfeitamente começar quando a criança está entre os 5 e o 6 anos de idade.<sup>18</sup>

3. O processo de alfabetização é um contínuo. Do nome das letras à leitura fluente e produção de textos, há um longo caminho, que deve ser respeitado pelo professor, pela escola, pelo governo e pelas teorias envolvidas nessa questão. Cada um aprende segundo seu próprio metabolismo mental. Por isso, alguns (por várias razões) aprendem certos conteúdos mais depressa e outros (por várias razões) aprendem esses mesmos conteúdos após um tempo maior. Se tais diferenças forem levadas em conta e o processo prosseguir, todas as crianças aprenderão a ler com fluência e a produzir textos, ou seja, serão bem alfabetizadas.

4. A escola deveria abolir notas - não o processo de avaliação. Os alunos devem estudar por ideais mais nobres do que para simplesmente passar de ano. A promoção automática é um bem e não um mal para a educação (Cagliari, 1996a). A competição é uma mentalidade troglodita.<sup>19</sup>

---

processo de alfabetização nas regiões mais carentes, sobretudo em periferias de grandes cidades. Os alunos ficariam dois ou três anos com essa professora e, depois, iriam para as escolas públicas, continuar seus estudos, se tivessem tal chance. Na prática, isso não passou de uma idéia.

<sup>17</sup> Num país como o Brasil, é muito difícil esperar que os pais colaborem nas atividades escolares de seus filhos. Estes, por sua vez, podem até não ter condições mínimas para estudar em casa. Lição para casa deve ser muito especial (em geral, parte de um projeto maior). Lição para casa é coisa típica de escola particular para impressionar os pais. Costumo dizer aos alunos de pós-graduação que chegam na Unicamp que eles estudaram uns quinze anos de Português e não aprenderam quase nada a respeito da linguagem, da matemática, da história, etc. Quinze anos... é tempo demais e dispensa qualquer lição de casa. A casa é o lugar onde se aprendem outras coisas, de interesse particular, sem compromissos escolares.

<sup>18</sup> É, portanto, um absurdo a atitude do Governo de São Paulo de proibir que crianças menores de 7 anos ingressem na 1ª série de escolas públicas.

<sup>19</sup> Minha briga nesta história é antiga: há uma grande confusão generalizada entre avaliação e promoção. A avaliação é sempre necessária, mas a promoção é um grande mal do nosso sistema de ensino. Lutei pelo Ciclo Básico e por outros como etapa intermediária, antes da abolição da reprovação que faz com que o aluno repita tudo de novo, para ver se aprende. Fui mal interpretado muitas vezes ou simplesmente encontrei uma posição contrária, em geral, sem argumento a não ser o da necessidade de promover o estudo através da competição escolar ou do castigo, de certa forma. Gostaria que alguém defendesse a educação dizendo que *la noblesse oblige*, que aprender ou não aprender não é objeto de punição, mas de trabalho de artífices com artes diferentes.

5. O que entendo por ‘erro construtivo’ é o erro oriundo de uma reflexão da criança. Na verdade, não existe erro não construtivo, uma vez que ninguém é capaz de agir sem pensar, literalmente. O professor deve olhar não o resultado do erro, mas sua causa, porque somente assim poderá instruir o aprendiz a não errar. Um erro não se corrige apenas ignorando-o, fazendo de conta que ele não ocorreu, substituindo o errado pelo certo, mas somente através de um processo de reflexão que convença o indivíduo de que chegou a uma conclusão errada e que a conclusão correta é obtida de outra maneira.<sup>20</sup> Uma escola que não tenha uma estratégia de corrigir os erros dos alunos é uma escola inútil e enganosa.

6. Estudar e pesquisar as razões pelas quais ocorrem os acertos e os erros no processo de alfabetização de todos os alunos é um dever do professor (Cagliari, 1992d). Caso contrário, não saberá como instruir seus alunos, quando eles precisarem de ajuda. Portanto, uma classe com mais de 20 anos é um absurdo por tornar inviável um trabalho decente do professor. Quebrar galho é uma péssima metodologia em Educação (Cagliari, 1986).

7. Sou a favor de um ensino sistemático (instrução<sup>21</sup>) que respeite as características individuais das crianças, sua história de vida, mas que, por outro lado não menos importante, desenvolva um programa, no qual as crianças vão acrescentando conhecimentos e habilidades às que já têm.<sup>22</sup> A educação tem que ser uma espécie de

---

<sup>20</sup> Em nome dessa noção de ‘erro construtivo’, das ‘hipóteses atrás dos erros’, alguns professores e órgãos públicos passaram a achar que não se deve mais corrigir os erros na alfabetização (nas outras matérias, como a matemática, sobretudo em outros níveis - ninguém diz o mesmo!). Dessa forma, alguns alunos gastam um tempo enorme até desconfiarem do que se trata, o que o professor quer. É um desastre.

<sup>21</sup> O termo ‘instrução’, mesmo na sua acepção mais geral, ao lado do termo ‘decodificar’ foi anatematizado nos últimos anos. De certo modo, essas abordagens pseudocientíficas deixaram muitos professores mais antigos em estado de choque e sem saber o que fazer exatamente. Essa é uma das causas do grande fracasso do ensino nos últimos anos. Instrução significa ensino e, juntamente com a aprendizagem, forma um dos dois pilares que definem e sustentam a escola, como instituição social.

<sup>22</sup> Uma prática que os professores usavam antigamente e que os pais usam até hoje ao ensinar as crianças nas primeiras leituras, é acompanhar a soletração que elas fazem acompanhando com o lápis sílaba por sílaba. Desse modo, o professor fica conhecendo melhor as estratégias da criança, suas dificuldades e facilidades. Infelizmente, em uma classe com mais de 20 anos, essa tarefa torna-se difícil, dado o enorme tempo que exige. Trata-se de uma atividade interessante e que produz bons frutos. Algumas idéias da moderna pedagogia condenaram práticas desse tipo por puro preconceito metodológico, por erros induzidos por métodos estranhos que acham que a criança que procede assim vai se tornar um mau leitor. Fala-se tanto em o professor ser um ‘mediador’ - o que é uma atitude excelente, pois valoriza a aprendizagem, não dando exclusividade ao ensino, como fazia o método das cartilhas. Acompanhar com a ponta do lápis a leitura das crianças, ou simplesmente acompanhar seu esforço para descobrir o que está escrito é uma

oficina, onde professores e alunos fazem coisas, projetam e realizam e não uma arena onde os alunos circulam e os professores observam.<sup>23</sup>

8. Não existe o fácil nem o difícil no ensino, apenas o conveniente ou não para aquele momento. O processo de aprendizagem não tem uma ordem pré-estabelecida, sendo falsa a idéia de uma psicogênese do conhecimento<sup>24</sup> em geral e da escrita, em particular. Os testes feitos com crianças nessas teorias são aviltantes, como os testes para saber se as crianças têm idéias ‘concretas’ ou ‘abstratas’. As idéias são todas imateriais, portanto, abstratas; não existe raciocínio ‘concreto’ a não ser metaforicamente. Perguntar que palavra é maior: ‘boi’ ou ‘formiga’, sem levar em conta na resposta da criança todos os aspectos da linguagem, é prova de ignorância. Não existe um único caminho para se alfabetizar, porque não existe um único caminho para aprender. Em termos práticos, é aconselhável que os professores conheçam as limitações dos métodos e usem o que for melhor nas variadas situações em que se encontram.

9. A essência da alfabetização é a leitura. Alfabetizar é ensinar a ler. Ler exige, antes de tudo, a decifração da escrita.<sup>25</sup> A decifração é, pois, a questão *sine qua non* do processo de alfabetização. A compreensão do texto é tão relativa, fácil ou difícil, quanto a compreensão oral do mesmo, feita sem a intervenção da escrita. Um falante nativo, mesmo criança ainda, compreende muito bem a linguagem que o cerca. A compreensão de um texto pode permitir uma discussão e comentários de vários tipos, mas essa questão é absolutamente secundária no processo de alfabetização, sendo mais importante nas

---

excelente maneira de exercer a tarefa de mediador no processo de alfabetização. No início, o que a criança precisa é ter toda a ajuda para saber o que precisa para ler, decifrando o que está escrito.

<sup>23</sup> O oposto também é reprovável: aquelas escolas, nas quais o programa de ensino é tão rigoroso e inflexível que os alunos se sentem como se estivessem em uma cadeia. A criatividade é uma noção fundamental na aprendizagem, mas exige certa dose de liberdade para se realizar. O processo de ensino não pode excluir nem minimizar esse tipo de atividade.

<sup>24</sup> Apesar da contribuição das teorias piagetianas aos estudos de psicologia, tal abordagem apresenta muitos problemas lingüísticos e filosóficos. A abordagem interacionista também trouxe grandes contribuições, mas trouxe também problemas. A construção do conhecimento somente pela interação é uma questão delicada, tênue, que tem sido usada para corroborar a psicogênese, em alguns casos, ou certo ‘ócio lúdico’ escolar.

<sup>25</sup> Escrever é uma habilidade decorrente do conhecimento que se tem para ler. Em princípio, a escola não precisa ensinar ninguém a escrever, mas a ler. A escrita sem o domínio da decifração, ou seja, das regras de leitura, produz bons copistas que podem, entretanto, permanecer analfabetos. Há muitos pintores de placas de propaganda que fazem cartazes em chinês e não sabem o que está escrito: são analfabetos em chinês!

séries mais avançadas, por exemplo, quando se estuda matemática, história, literatura, etc.<sup>26</sup>

10. A aquisição da escrita é uma das tarefas da alfabetização, isto é, ensinar a criança a lidar com o sistema de escrita. Embora a linguagem seja oral, na sua essência, muitas vezes, aparece transportada para a escrita. Como a escrita tem usos específicos, a versão escrita do que, na origem, é oral, segue normas e tradições específicas, que a escola deve também levar em conta, desde cedo. Isso, entretanto, é diferente da tarefa de alfabetizar. Tenho visto muitos trabalhos sobre ‘letramento’ e ‘aquisição de linguagem escrita’ confundirem o acesso da criança ao mundo da escrita e da leitura, com os usos da escrita e da leitura. Sem menosprezar esses últimos aspectos, seu programa de ensino, todavia, deve ser considerado objetivo das séries mais adiantadas. A confusão entre eles tem sido a causa pela qual alguns professores, de repente, se viram na situação em que não conseguiam mais alfabetizar as crianças. Como exemplo disso, está o uso exclusivo de textos para alfabetizar, o excesso de interpretação de texto, deixando de lado a unidade mais importante, que é a palavra, mesmo isolada.<sup>27</sup>

11. O processo de decifração está intimamente ligado à habilidade de segmentar a fala e a escrita e em associar unidades de escrita à unidades de fala. Antes de tudo, as pessoas constatarem que os desenhos representam o mundo, ao passo que as letras (a escrita) representam a fala. Assim como um desenho não representa todos os aspectos materiais do objeto representado, assim também a escrita não representa todos os aspectos fonéticos da fala. A associação entre letras e sons começa com a idéia de que o nome das letras foi inventado para indicar o som que ela representa. As exceções neste e em outros casos do processo de decifração se devem à ortografia. Na verdade, quem define o valor fonético das letras é a ortografia e não o princípio alfabético (Massini-

---

<sup>26</sup> É curioso observar a obsessão que alguns professores têm em explorar nos mínimos detalhes e de todas as formas a compreensão dos textos, que passam aos alunos das primeiras séries, obsessão que diminui sensivelmente nas séries mais adiantadas, quando aparecem textos melhores para discussão. Não conheço professor de matemática que faça interpretação de texto de questões de matemática, mas isso seria muito útil aos alunos.

<sup>27</sup> Baseados numa falsa idéia a respeito da linguagem, alguns teóricos da alfabetização passaram a desprezar o uso de palavras isoladas, como se elas também não fizessem parte do uso cotidiano da linguagem. A linguagem tem vários tipos de uso, todos perfeitos; portanto, o professor dispõe de muitas formas lingüísticas para ensinar. O texto tem um uso escolar muito importante e deve ter um lugar privilegiado, mas isso não significa que tudo tem sair e acabar em um texto.

Cagliari & Cagliari, 1999).<sup>28</sup> Por causa da ortografia e da variação dialetal, as relações entre letras e sons (leitura) não são exatamente as mesmas que ocorrem entre sons e letras (escrita) (veja Cagliari, 1998 - sobretudo o apêndice).

12. Decifrar é segmentar e juntar letras (escrita) e sons (leitura / fala). As unidades da fala (segmentos fonéticos) se juntam para formar sílabas. Diferentemente da fala, a escrita encadeia letras, mas não forma sílabas. Por sua vez, a escrita separa palavras, coisa que a fala não precisa fazer. Em ambas as direções (da fala para a escrita ou da escrita para a fala), é sempre possível, desejável e deve ser objeto de instrução relacionar as unidades de fala com as de escrita e vice-versa. A unidade básica é sempre a palavra, a qual tem uma estrutura fonética própria e uma estrutura de escrita também própria. Se essas estruturas não forem dominadas, a criança não progredirá. É nesse jogo que o processo de decifração, de leitura e de escrita, se realiza plenamente. Sem ele, a alfabetização torna-se um mistério insondável ou objeto de especulação estéril.

13. O processo de decifração está centrado na noção de palavra. O texto vem em uma etapa posterior, quando o aluno já domina com certa segurança algumas das relações entre letras e sons e pode, com certo esforço, ler ou escrever ‘frases-texto’ curtas. A passagem da palavra para o texto é importante, mas não pode atropelar os exercícios de decifração que a criança faz. Tirar palavras de textos ou inseri-las numa história ou contexto maior (objeto de comentários ou de leitura por parte da professora) é sempre desejável, embora as crianças lidem muito bem também com palavras isoladas.

14. Além do princípio acrofônico, as duas noções mais importantes para a criança deslançar o processo de decifração é a compreensão da categorização gráfica e funcional das letras (Cagliari, 1998; Massini-Cagliari & Cagliari, 1999). De forma sucinta, o princípio acrofônico é aquele que diz que no nome das letras existe o som básico que ela representa. A categorização gráfica mostra que a letra é uma unidade abstrata que pode ser representada graficamente de muitas maneiras, como nas formas A, a *a*, etc. Reconhecer de que letra se trata - o que nem sempre é fácil - é essencial, caso contrário, tudo o mais pode ser prejudicado. Dadas as facilidades de reconhecimento gráfico

---

<sup>28</sup> Por exemplo, a escrita das vogais EI, além do som de EI, tem também o som de E, porque falamos ‘cadêra’, assim como o A inicial de “Antônia” é diferente do A final, porque pronunciamos ‘Antônia’, com o primeiro A nasalizado e o último não (e quando nasalizamos o A, ele se torna uma vogal central baixa, com articulação diferente da vogal A não nasalizada, que é uma vogal baixa, porém, anterior).

apresentadas pelas letras de forma maiúsculas ('capitais'), elas devem ser usadas no início da alfabetização, deixando-se de lado a escrita cursiva, por ser a que apresenta maior grau de dificuldade de identificação. A categorização funcional revela como a ortografia define o valor sonoro das letras em função de todas as pronúncias que as palavras da língua têm. Assim, a letra T tem o som de Tch diante de I, porque tem gente que fala 'tchia' e tem o som de 'tê', porque tem gente que fala 'tia', e assim por diante. Desse modo, nota-se que não é mais o alfabeto, nem o princípio acrofônico que, de fato, definem o valor das relações entre letras e sons, mas a ortografia e a variação lingüística.

15. O processo de alfabetização precisa permitir que as crianças fizessem um uso oral, em voz alta, do que aprendem, do que decifram e do que lêem. Ler em voz baixa é uma atividade que deve ser seguida mais adiante, quando o aluno já se vira razoavelmente bem com a decifração. O professor deve estar atento e explicar, ajudar e corrigir os erros, sobretudo iniciais, para ir dando as informações técnicas necessárias de que as crianças necessitam para saber ler e escrever, como decorrência do fato de saberem ler. Para isso, precisa deixar os alunos falarem e lerem em voz alta. Além disso, precisa deixar as crianças escreverem. A leitura 'dirigida' e a escrita 'espontânea' fornecem o material importante para o professor saber do progresso de cada aluno. A palavra 'instrução' foi abolida por alguns que apostam que as crianças podem aprender tudo sozinhas. A aprendizagem é um ato individual e é revelada através das habilidades que dá a quem aprendeu. Por isso, ao usar os conhecimentos de que dispõe, uma criança revela o que já sabe, como sabe, e o que não sabe, mas precisa saber. Ao constatar isso, a intervenção do professor é fundamental, corrigindo ou melhorando.<sup>29</sup>

16. Uma estratégia que facilita muito o acesso às noções essenciais de que alguém necessita para saber ler é treinar os alunos a ler em voz alta palavras, dizendo os nomes das letras, os sons das sílabas e as palavras resultantes.<sup>30</sup> A comparação de segmentos

---

<sup>29</sup> Tenho notado, certamente em decorrência de algumas atitudes teóricas mais recentes, que alguns professores não ouvem mais seus alunos, não os escutam lendo em voz alta. Em alguns casos, os alunos escutam demais e falam de menos. Desse modo, como o professor pode acompanhar o progresso de seus alunos? O excesso de atividades coletivas, grupais, pode não deixar espaço para o trabalho que deve ser feito com cada aluno também, sobretudo, em escolas públicas, com crianças de nível socioeconômico baixo que não podem contar com a colaboração da família nas suas atividades escolares.

<sup>30</sup> O uso exclusivo de técnicas como as do método fônico, da silabação e da palavração, como faziam os modelos antigos de cartilhas, restringe demais o processo de alfabetização e pode criar mais problemas do que ajudar. Por causa desse tipo de restrição, algumas pessoas não reconhecem nenhum valor nesses métodos. Entretanto, neles, há também uma sabedoria advinda de longa prática de ensinar. Dizer o nome

semelhantes, como os pares mínimos, ajuda muito, assim como as rimas e o reconhecimento de outras formas semelhantes em palavras diferentes, ou formas diferentes em contextos semelhantes. É assim que as crianças fazem, quando refletem sobre o processo de leitura, quando estão sozinhas. Bem no começo, servem-se do princípio acrofônico, reconhecendo, por exemplo, que na palavra ‘bolo’, a letra inicial é igual à do nome do ‘Beto’. Do contexto inicial avançam, procurando fazer da letra (ou som) seguinte um novo início com a aplicação cíclica do princípio acrofônico. Entre esse reconhecimento e a montagem final dos sons de uma palavra vai um longo caminho e uma aplicação iterativa de procedimentos de reconhecimento de letras, de associação de sons a elas e de montagem de unidades maiores de escrita e de fala, até atingir, no último ciclo, a palavra. Esse tipo de estratégia dá mais segurança à criança, mais confiança no que está fazendo, faz com que ela entenda melhor o que está acontecendo e conduza, assim, seu processo de alfabetização com melhores chances de realizar um bom trabalho.

17. Por outro lado, o processo não pode tirar das crianças o comando individual da aprendizagem, obrigando-as a um processo mecanicista de adestramento mental. Reproduzir um modelo pura e simplesmente não é aprender. A aprendizagem tem um lado criativo que faz com que um conhecimento se concatene com outro e produza resultados novos consistentes e corretos. Nesse sentido, a aprendizagem é uma bola de neve que se avoluma cada vez mais à medida que progride. Portanto, não faz sentido dar provas, testes, notas que avaliem apenas o retorno de alguma coisa ensinada, na forma das expectativas de quem corrige.

18. Juntamente com as estratégias de segmentação e de composição no processo de decifração, o professor deve ficar atento também para ir alertando os alunos para as estratégias de compreensão, à medida que vão progredindo na leitura. Por outro lado, devem ensinar a ter dúvidas ortográficas, a domesticá-las e a resolvê-las.<sup>31</sup> Desse modo, o

---

das letras, silabar, juntar letras, juntar sons, formar sílabas, formar palavras são atividades de que uma escola séria não pode abrir mão, sob risco de tornar o processo de alfabetização moroso demais ou mesmo inacessível. Por iniciativa própria, as crianças logo percebem que algumas dessas estratégias de decifração, reconhecendo e juntando partes, funcionam bem e que precisam delas para ler.

<sup>31</sup> No início, os alunos deverão poder produzir suas escritas sem se preocupar muito com a ortografia. O professor explica o que está acontecendo, simplesmente. Os alunos gostam de acertar e detestam errar: então, o professor pode aproveitar isso para ir ensinando a forma ortográfica das palavras. Escrever ‘forãu’ ou ‘foram’ é a mesma coisa. A primeira forma parece mais razoável para a criança que não sabe que se escreve ‘foram’. No entanto, explicando o que é a ortografia, elas passam a escrever corretamente sem nenhum embaraço.

aprendizado da leitura e da escrita podem caminhar em paralelo, o mais das vezes. Aprende-se a escrever, lendo e aprende-se a ler, escrevendo. Estas são as estratégias mais eficazes para o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita no processo de alfabetização.

19. A fluência na leitura e a produção de textos espontâneos - com os obstáculos de percurso - mostram que a criança já está tecnicamente alfabetizada e dá início à etapa posterior, em que irá sofisticar o seu processo de alfabetização e de preparação para enfrentar as tarefas das séries mais adiantadas, nas quais a leitura fluente com compreensão e a produção de textos sem erros de ortografia é um ideal a ser conseguido em sua plenitude. O progresso dessas habilidades está na dependência mútua que existe entre o ler e o escrever: quanto mais se lê mais se aprende a escrever - quanto mais se escreve, mais fluente se torna a leitura e com melhor compreensão. Ler em voz alta ajuda a desenvolver ritmo e fluência na leitura e, com a prática, ajuda o aluno a compreender melhor o texto como um todo. A leitura silenciosa, mais profunda e meditativa, vem numa etapa bem posterior àquele momento, em que a decifração ainda é a grande dificuldade da leitura.<sup>32</sup>

20. É preciso reconhecer que (por várias e diversas razões), nem todos os alunos aprendem na mesma velocidade, nem todos aprendem as mesmas coisas num determinado momento, nem todos sabem as mesmas coisas antes, durante e após deixarem a escola. Ou seja, esse quadro é típico em todas as séries. Por uma razão de respeito às crianças, o professor deve sempre ter parte de suas atividades planejadas para a classe como um todo, e parte dirigida de maneira específica a grupos de alunos ou mesmo a indivíduos. Dessa forma, não priva os que já sabem de aprenderem coisas novas e dá chances aos que não sabem de aprenderem o que deveriam já saber, de acordo com as expectativas do andamento das atividades do processo de alfabetização escolar. Alguns alunos vão sem muita ajuda. Outros apresentam dificuldades específicas que precisam ser investigadas pelo professor, analisadas e corrigidas adequadamente. Para isso, o professor precisa ser um pesquisador em contínua observação do rendimento escolar de seus alunos

---

<sup>32</sup> Ler em voz alta ou silenciosamente são atividades que têm seu tempo e seu lugar nas atividades escolares. Alguns professores dão mais ênfase à leitura oral ou silenciosa em momentos errados e para finalidades erradas. A leitura em voz alta, na alfabetização, precisa ser feita sem inibir os alunos que não

e possuidor dos conhecimentos técnicos necessários para resolver os problemas que enfrenta. A prática tem mostrado que todos os alunos podem se alfabetizar e que um programa de instrução pode fazer com que o professor ensine passo a passo o que o aluno precisa saber para superar suas dificuldades. Se ele não sabe o que são as letras, é preciso explicar isso. Se não sabe como relacionar letras e sons, lidando com a ortografia e com a variação lingüística, é preciso ensinar tudo a respeito desses conteúdos e não ficar repetindo uma forma mágica para o aluno decorar e exorcizar sua ignorância. O que não faz sentido na aprendizagem é logo descartado da mente. Explicar é a alma do processo de instrução. As explicações podem ser de muitos tipos, enfeitadas de muitas maneiras, mas não podem deixar de revelar a verdade nua e crua no final da festa. Ser tecnicamente preciso é uma maneira de respeitar as crianças. O excesso de metáfora destrói a aprendizagem, assim como mascara a incompetência no discurso científico.<sup>33</sup>

21. Contrariamente ao que alguns professores pensam, as crianças não costumam ler por prazer, por vontade, porque querem aprender, quando ainda não têm uma certa fluência na leitura e na produção de textos.<sup>34</sup> Isso traz à tona a questão da motivação. Motivação é como remédio forte: dado em demasia, mata - se não for dado, não há cura. Na minha experiência, o fator de maior importância para motivar os alunos é o respeito por eles. Esse respeito se traduz em ensinar com seriedade o que deve ser aprendido. A motivação acaba sendo um clima em sala de aula, uma expectativa dos alunos diante do novo desejável, um objeto de desejo por parte deles. A motivação deve se entender como algo de valor. A banalização do ensino é uma forma que revolta os alunos, porque acham que o professor os trata com desprezo, achando-os menos capazes ou até mesmo

---

sabem ler direito, sendo mais útil para se discutir como se faz para ler do que para uma leitura de uma história, por exemplo. A leitura silenciosa é a que deve predominar na escola.

<sup>33</sup> Uma tradição estranha que vem do tempo das cartilhas faz com que certos professores achem que antes de qualquer atividade de escrita ou leitura é preciso contar uma 'história para boi dormir', cantar uma música com melodia tirada de uma canção conhecida, mas com letra inventada por ele ou por algum seu colega. A escola brasileira sofre do mal da metáfora, em todos os níveis, da alfabetização à produção de textos científicos. Dizer a verdade é a maneira mais simples de ser entendido, se não no dia-a-dia, certamente, na vida. Dizer a verdade requer, em primeiro lugar, as palavras adequadas.

<sup>34</sup> Tenho notado que as crianças têm uma grande vontade de aprender e até certa pressa, mas, quando vão fazer as atividades de aprendizagem, por que ainda não sabem e, talvez por medo de errar (e suas conseqüências) se retraem, se esquivam, arranjam desculpas amarelas ou, simplesmente, se recusam a agir. É nesses casos que o professor deve ser mais criativo com a questão da motivação na escola e na elaboração de material de uso dos alunos. Algumas lições matam os alunos com dificuldades, com irrelevâncias ou com inutilidades e, depois, os professores se queixam, sem razão, de que os alunos não se motivam para aprender.

não merecedores de sua atenção. As teorias do déficit das crianças (Cagliari, 1997), da incapacidade de aprender de alguns vieram atreladas, em parte, à idéia equivocada de que só se aprende ludicamente, ou indiretamente, através de metáforas e de brincadeiras.<sup>35</sup>

22. Para conduzir um processo de alfabetização como esboçado acima, é preciso que o professor esteja bem preparado (Cagliari, 1992). Além dos conhecimentos e habilidades que fazem dele, antes de tudo, um educador, é preciso ser um especialista na sua tarefa. Já mostrei em muitas ocasiões que a formação ideal de um alfabetizador deve contar com conhecimentos sofisticados da lingüística moderna e dos sistemas de escrita (Cagliari, 1989, 1998). Por exemplo, um professor que não sabe quais são os conhecimentos técnicos de que uma pessoa necessita para explicar porque lê uma palavra de um jeito e não de outro, não tem competência mínima para alfabetizar, porque não sabe o que está fazendo.<sup>36</sup> Embora pareça banal à primeira vista, ou óbvio - uma vez que nós adultos lemos com facilidade - dar a explicação exigida acima é uma tarefa muito complicada, que envolve conhecimentos muito sofisticados de como a linguagem oral e a escrita funcionam (Cagliari, 1998).

23. Desde a minha primeira intervenção na área da alfabetização, discutindo o 'tijolão' da CENP-SP<sup>37</sup>, me convenci de que pior do que as cartilhas é o método das cartilhas, que nem sempre vem com os livros. Muitos professores usam o método das cartilhas e se declaram contra as cartilhas. Muitas cartilhas não passam de um guia mal feito, mas que permitem a certos professores tirarem grandes vantagens, pela conveniência de ter um material de referência de acesso fácil para eles e para seus alunos. Não sou, em absoluto, contra livros didáticos, simplesmente gostaria que fossem

---

<sup>35</sup> Não confundir o excesso de brincadeira com nenhuma brincadeira, na escola. Ainda continuo achando que as escolas deveriam ter mais recreio, com atividades orientadas, como jogos, competições, etc. e menos aulas teóricas em salas de aula. Brincar, cantar, se divertir na escola torna-a um lugar desejável. Escolas que só têm aula são escolas chatas, mal administradas, que pensam que estão ganhando tempo, quando, na verdade, são de grande perda de tempo e de dinheiro para o governo e para as famílias. São escolas ridículas como centros de formação. Acrescente-se a isso a falta que faz nas escolas de festas, muitas festas, sessão de teatro, de cinema, competições esportivas, coral, banda, fanfarra, etc. etc. É inacreditável como as pessoas, no Brasil, conseguiram fazer da escola um lugar chato, sem graça. Certamente, o culpado por essa situação é a forma como os professores são remunerados, como alguns diretores são escolhidos e seu comprometimento com a Educação, o pouco caso do Governo com a educação do povo, etc.

<sup>36</sup> Veja, a esse respeito, o meu artigo *O que é preciso saber para ler* no livro *Diante das Letras: a escrita na alfabetização* (Massini-Cagliari & Cagliari, 1999, pág. 131-159) e o artigo *O alienígena que queria aprender a ler* (Cagliari, 1996b).

<sup>37</sup> O 'tijolão' era o nome que era dado a um volumoso e detalhado programa de alfabetização elaborado pela Coordenadoria do Ensino e Normas Pedagógicas do governo do Estado de São Paulo.

melhores. O método das cartilhas, a que chamei de ‘BA BE BI BO BU’, consiste basicamente em reproduzir um modelo através do desmanche e reconstrução de unidades silábicas das palavras. Algumas vezes, algumas pessoas têm entendido errada minha proposta de ensino, aproximando-a das cartilhas, porque defendia a decifração, o processo de silabação feito pelas crianças, etc. A grande diferença está no modo como esses fatos são tratados. No método das cartilhas, os procedimentos de ensino e de aprendizagem são pré-estabelecidos em uma ordem aceita como indo do fácil para o difícil, esperando resultados automáticos e progressivos. Se não der certo, volta-se atrás e se repete tudo de novo. Sou radicalmente contra isso. Minha proposta tem como essencial o fato de o professor passar para os alunos as explicações necessárias, de forma adequada ao momento e à tarefa que fazem. Essas explicações devem vir de conhecimentos científicos das várias disciplinas envolvidas com o processo de alfabetização. A tarefa de alfabetizar, neste caso, diferentemente do método das cartilhas, não hierarquiza o conteúdo a ser trabalhado, nem tem um único caminho para ensinar. Desse modo, qualquer questão pode servir de ponto de partida para o trabalho em sala de aula. Essa atitude provém do reconhecimento de que os alunos são falantes nativos de Português e que, por essa razão, são capazes de refletir sobre sua língua, em qualquer nível e a qualquer hora. Ser falante nativo traz um grande conhecimento intuitivo a respeito de muitos aspectos da estrutura da língua, necessário para se ensinar e aprender a ler e a escrever. Há, ainda, muitos outros aspectos que não são simples detalhes, mas posturas científicas e metodológicas importantes que diferenciam a minha proposta de outras abordagens, sobretudo, do método das cartilhas.<sup>38</sup> Por exemplo, para mim, a cópia é uma atividade importante, porque é também um processo de descoberta. De acordo com o método das cartilhas e com os manuais do professor das cartilhas, a cópia é vista como simples atividade de fixação da aprendizagem ou como exercício de avaliação. 24.

Sendo contra o método das cartilhas, sou contra toda a concepção de ensino e de aprendizagem que elas trouxeram para escola e que, infelizmente, passou a fazer parte da nossa cultura: hoje, há cartilhas para tudo, até para os representantes do povo nas assembleias legislativas ou como aplicar dinheiro com lucro nos bancos. Como foi dito anteriormente, se o processo de alfabetização não tem um roteiro definido e se todos são

---

<sup>38</sup> Veja, por exemplo, os livros e os artigos na bibliografia, no final deste trabalho.

capazes de se alfabetizar, questões como o ‘período preparatório’ e ‘prontidão’ são aberrações metodológicas. Certamente, um professor de bom senso saberá dosar o que ensina às circunstâncias de seu, mas isso é muito diferente de achar que uma criança precisa fazer bolinhas e rabisquinhos para aprender as letras (Cagliari, 1986, 1997).

25. Sou a favor de um construtivismo socrático e contra o construtivismo piagetiano no seu aspecto mais central da teoria da psicogênese (Cagliari, 1992). No Brasil, com relação à alfabetização, com o nome de ‘construtivismo’ veio uma grande variedade de abordagens teóricas e de práticas escolares, muitas delas completamente contraditórias (Cagliari, 1993b, 1994a, 1998). Como acontece, às vezes, o rótulo vale para disfarçar o que se faz. Nesses 20 anos de trabalho com o processo de alfabetização, acho que os professores devem tirar de cada método o que é mais adequado para cada momento do seu trabalho. Não vejo isso como uma postura eclética sem fundamento, mas como um esforço para se chegar a uma teoria ideal da alfabetização, que ainda está para ser mais bem compreendida e estabelecida.<sup>39</sup> As teorias da alfabetização que conheço sequer trazem individualmente um conjunto sólido de afirmações, embora, em alguns casos específicos, tragam contribuições valiosas. Um professor esperto e bem preparado sabe fazer suas escolhas, à semelhança do que faz um bom cientista.

### **Conclusão**

Meu envolvimento com o processo de alfabetização teve muitos tipos de participação. O mais importante foi conversar com os professores alfabetizadores e estudar um grande volume de dados e de trabalhos produzidos pelos alunos dos mais variados tipos e lugares do país. Além da lembrança do processo de alfabetização do meu filho Daniel, na Escócia, com o qual me envolvi, de certo modo, tive, mais recentemente, a oportunidade de acompanhar de perto a alfabetização do meu filho Gianluca, com 6

---

<sup>39</sup> A História tem mostrado muitos métodos e ‘métodos’, como o método fônico, sintético, analítico, sintético-analítico, da silabação, da palavração, escola nova, caminho suave, sodré, alfa, guias curriculares, tijolão, método da abelhinha, método português de Castilho, método da escola brasileira, João de Barros e sua esfera silábica, método montessori, método gestáltico, método piagetiano, de Vygotsky, Lúria, Emília Ferreiro, O’Neil, João de Barros, de Paulo Freire, método behaviorista, construtivista... podia acrescentar, sempre fora de ordem, tantos outros métodos inventados (sic!) por professores alfabetizadores que, de repente, acharam que tinham descoberto o segredo desse mundo.

anos.<sup>40</sup> O Gianluca já sabe ler e escrever muito bem, mas não tem fluência. Sinto-me responsável (juntamente com a escola) pela alfabetização do Gianluca. Vi, dentro de casa, como minhas idéias a respeito do processo de alfabetização faziam sentido e pude, de maneira privilegiada, conversar e discutir com ele o próprio processo de aprendizagem, e ver seu comportamento de leitura e de escrita, suas estratégias, sucessos e fracassos, em momentos sem a intervenção dos adultos, em que eu era apenas um observador do que ocorria em casa ou fora de casa. Poderia interpretar os dados encontrados nessa convivência com ele, encaixando-os nas mais diversas teorias sobre a alfabetização: há exemplos para tudo. Entretanto, o que mais valeu sempre foram as explicações técnicas sobre os mecanismos de decifração, ensinando-o como se faz para ler, seguindo a linha exposta neste trabalho.

Escrevendo este texto, ouvi a famosa canção cantada por Louis Armstrong, que é um hino à vida e que, entre outras coisas bonitas, diz:

*I watch children to grow  
They will learn much more  
Than I will never know  
And I think to myself  
What wonderful world.*<sup>41</sup>

Algumas publicações de Luiz Carlos Cagliari<sup>42</sup>

CAGLIARI, L. C. (1985) Caminhos e descaminhos da fala, da leitura e da escrita na escola. *Projeto Ipê - Ciclo Básico*. São Paulo: CENP-SE-SP, pág. 45—60

---

<sup>40</sup> De forma indireta, tenho acompanhado também o processo de alfabetização dos meus sobrinhos Augusto e Júlia. O Augusto aprendeu praticamente sozinho a ler, quando tinha ainda quatro anos. Hoje, tem sete. A Júlia, com cinco anos, já está bem adiantada, faltando-lhe apenas mais prática e fluência.

<sup>41</sup> “Eu vejo as crianças crescerem. / Elas aprenderão muito mais / do que eu saberei. / E penso comigo: / que mundo maravilhoso!”

<sup>42</sup> Como este artigo trata especificamente do meu trabalho com alfabetização, as referências bibliográficas ficaram restritas a alguns dos meus trabalhos, como suporte complementar às idéias do texto. Obviamente, na minha formação, há a contribuição de inúmeras obras e de pessoas que não foram citadas, cujas idéias ajudaram a formar minhas convicções a respeito de como pode ser conduzido o processo de alfabetização.

- \_\_\_\_\_ (1986) Alfabetização e pobreza. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. UNICAMP - IEL, DLA. Nº 8, pág. 25-48.
- \_\_\_\_\_ (1988) A leitura nas séries iniciais. *Leitura: Teoria & Prática*. Porto Alegre: Mercado Aberto/ALB. ano 7, nº 12, dezembro. pág. 4-11.
- \_\_\_\_\_ (1989) *Alfabetização & Lingüística*. São Paulo: Editora Scipione.
- \_\_\_\_\_ (1990) Ditados e Ditadores - Entendidos e Entendentes: algumas Considerações sobre ditados, cópia e interpretação de texto na escola de Primeiro Grau. *Desenvolvendo a Língua Falada e Escrita*, Maria Tasca (org.). Porto Alegre: Ed. Sagra, pág. 94-117.
- \_\_\_\_\_ (1992a) O Segredo da Alfabetização. *Jornal da Alfabetizadora*. Porto Alegre: Ed. Kuarup e PUCRS, Ano IV, Nº 20, pág. 9-11.
- \_\_\_\_\_ (1992b) A Chave da Decifração da Escrita, *Jornal da Alfabetizadora*. Porto Alegre: Ed. Kuarup e PUCRS, Ano IV, Nº 21, pág. 21-23.
- \_\_\_\_\_ (1992c) Contribuição para uma Discussão sobre a Psicogênese da Língua Escrita e das Idéias de Emília Ferreiro sobre a Alfabetização. UNICAMP - IEL (manuscrito).
- \_\_\_\_\_ (1992d) O Professor como Pesquisador. *Anais do II Seminário Multidisciplinar de Alfabetização*. Maria Regina Maluf (org.). PUC-SP, pág. 63-68. "Debates", pág. 87-101.
- \_\_\_\_\_ (1993a) Avaliando a Avaliação Escolar. *Idéias - Alfabetização: passado, presente e futuro*. São Paulo: FDE - SE, 19, pág.111-123.
- \_\_\_\_\_ (1993b) Resposta a uma Professora Alfabetizadora ou Construtivismo vs Construtivismo, *Jornal da Alfabetizadora*. Porto Alegre: Ed. Kuarup e PUCRS, ano V, Nº 25, pág. 21-22. (em colaboração com Gladis Massini-Cagliari).
- \_\_\_\_\_ (1994a) Continuando o Debate sobre Construtivismo... *Jornal da Alfabetizadora*. Porto Alegre: Ed. Kuarup e PUCRS, ano VI, Nº 31, pág.23. (em colaboração com Gladis Massini-Cagliari).
- \_\_\_\_\_ (1994b) O que é a Ortografia *Estudos Lingüísticos - XXIII Anais de Seminários do GEL*. CNPq. USP e GEL, vol. I, pág. 552-559.

- \_\_\_\_\_ (1994c) Ensino ou Aprendizagem: eis a Questão *Por Trás das Letras - Alfabetização - Refletindo sobre a Falsa Dicotomia entre Ensino e Aprendizagem*. São Paulo: FDE, pág. 20-36.
- \_\_\_\_\_ (1995) *Sistemas de escrita: história, natureza e usos da escrita*. Unicamp, IEL / CNPq (livro não publicado).
- \_\_\_\_\_ (1996a) Avaliação e promoção. *Jornal do Alfabetizador*. Porto Alegre: Editora Kuarup e PUC-RS, Ano VIII, Nº 46, pág. 10-12.
- \_\_\_\_\_ (1996b) O Alienígena que queria aprender a ler. *Jornal do Alfabetizador*. Porto Alegre: Ed. Kuarup e PUC-RS, Ano VIII, No.47, pág. 14-16.
- \_\_\_\_\_ (1997) O príncipe que virou sapo: considerações a respeito da dificuldade de aprendizagem das crianças na alfabetização. *Introdução à psicologia escolar*. Maria Helena Souza Patto (org.). São Paulo: Casa da do Psicólogo. 3ª ed. revista e atualizada, pág. 193-224.
- \_\_\_\_\_ Variação e preconceito. Texto de uma conferência.
- \_\_\_\_\_ (1998) *Alfabetizando sem o BA BE BI BO BU*. São Paulo: Editora Scipione.
- Massini-Cagliari, Gladis e Cagliari, Luiz Carlos (1999) *Diante das Letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Editora Mercado de Letras.

Este artigo não foi publicado.